

Introdução

O contato da criança com a natureza é importante para o desenvolvimento saudável nos âmbitos cognitivo, emocional e físico (Kellert, 2005; Louv, 2005; Strife & Downey, 2009; Wells & Evans, 2003). Nas últimas décadas, a rápida urbanização tem resultado em uma população privada do contato com o meio ambiente (Aaron & Witt, 2011) e a afinidade com o ambiente natural não é mais tão instintiva (Louv, 2005). O objetivo deste estudo é conhecer como crianças do contexto urbano da cidade de Porto Alegre percebem e definem a natureza. Para isso, foi utilizada a técnica do desenho e do inquérito (Horstman, Aldiss, Richardson & Gibson, 2008) que, como instrumento de pesquisa com crianças, tira o foco do pesquisador e fornece uma maneira de compartilhar a experiência centrada na criança (Driessnack, 2006, citado em Horstman et al., 2008).

Método

Participantes: de 150 participantes voluntários de um estudo maior, foram selecionados aleatoriamente desenhos e inquéritos de 15 crianças, com idades entre sete e nove anos, de uma escola pública da cidade de Porto Alegre (oito meninos e sete meninas).

Instrumentos: confecção de desenhos e inquérito semi-estruturado acerca do que foi desenhado.

Procedimentos: autorizadas pelos responsáveis por meio da assinatura do TCLE, as crianças responderam ao questionário de um estudo maior. Após isso, foram distribuídas folhas brancas em tamanho A4 e os pesquisadores solicitaram que cada criança fizesse um desenho livre e individual a partir da pergunta norteadora “o que é natureza para ti?”. Depois da finalização dos desenhos, foi feito inquérito individual semi-estruturado a fim de que cada criança explicasse o que havia desenhado.

Análise dos dados: os desenhos e os inquéritos foram analisados por meio do método da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) e os elementos foram agrupados em categorias que transmitem o sentido geral do que foi trazido. As palavras escritas nos desenhos também entraram na análise.

Resultados

A partir da análise dos desenhos e dos inquéritos emergiram as categorias (figura 1). Optou-se por apresentar as categorias tanto dos desenhos quanto dos inquéritos na mesma imagem, visto que um instrumento é usado para compreender o outro e, em conjunto, permitem uma visão holística de como as crianças da amostra percebem a natureza. Notou-se que neste estudo, assim como no de Horstman et al. (2008), o inquérito dá uma dimensão afetiva ao que foi desenhado.

Vê-se, a partir da análise dos desenhos e dos inquéritos, que as crianças percebem a natureza em dois âmbitos: objetivo e subjetivo. Dentro desses dois âmbitos emergiram as quatro categorias. No âmbito objetivo, surgiram duas categorias: *objetos animados*, na qual foram incluídos conteúdos que representam elementos vivos ou aos quais a criança tenha atribuído vida e também as forças naturais; e *objetos inanimados*, na qual foram incluídos conteúdos que representam elementos que não têm vida ou que não são passíveis de movimento. No âmbito subjetivo, emergiram também duas

categorias: *afetos*, na qual foram incluídos conteúdos que expressam sentimentos tanto positivos quanto negativos; e *polaridade*, na qual foram incluídos conteúdos subjetivos que podem ser potencializadores ou despotencializadores de um comportamento pró-ambiental.

Figura 1.



Discussão

Os elementos concretos apareceram mais do que os subjetivos, tanto nos desenhos quanto nos inquéritos. Isso pode ser explicado pela faixa etária pesquisada, já que, de acordo com a National Association for Education of Young Children (NAYEC), citada em Ulker (2012), o pensamento abstrato na criança não emerge antes dos sete anos e não está bem estabelecido até os nove.

Foi percebido que, apesar de a maior parte das crianças desenharem o céu (inserido na categoria *objetos animados*), poucas deram um sentido para esse elemento no inquérito. É interessante ressaltar que a vegetação (também inserida na categoria *objetos animados*) foi quase unanimidade tanto nos desenhos quanto nos inquéritos. Isso aponta para uma forma estereotipada de desenhar a natureza, a qual, contudo, é diferente da encontrada no estudo de Ulker (2012) que investigou esse assunto e constatou que as crianças desenhavam a natureza de uma certa forma: montanhas ao fundo, um rio surgindo das montanhas, o sol e algumas nuvens.

Considerável parte das crianças afirmou ter desenhado um lugar imaginário. Pode-se pensar que, devido ao pouco contato que as crianças do contexto urbano têm com a natureza, elas constroem uma percepção idealizada. A rara aparição de elementos como lixo (inserido na categoria *objetos inanimados*) e consciência ambiental (inserido na categoria *polaridade*) corroboram essa hipótese.

Considerações Finais

Os resultados encontrados servem como ponto de partida para esta linha de investigação. Para futuros estudos, além do desenho e do inquérito como instrumento, sugere-se o uso de escalas próprias para crianças, a fim de avaliar o impacto dessa percepção nos comportamentos pró-ambientais.

Referências

Aaron, R. F., & Witt, P. A. (2011). Urban Students' Definitions and Perceptions of Nature. *Children, Youth and Environments*, 21(2), 145-167.
 Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
 Horstman, M., Aldiss, S., Richardson, A., & Gibson, F. (2008). Methodological issues when using the draw and write technique with children aged 6 to 12 years. *Qualitative Health Research*, 18, 1001-1011.
 Kellert, S. R. (2005). *Building for Life: designing and understanding the human-nature connection*. Washington, D.C.: Island Press.
 Louv, R. (2005). *Last Child in the Wood: saving our children from nature-deficit disorder*. Chapel Hill, NC: Algonquin Books.

Strife, S., & Downey, L. (2009). Childhood development and access to nature. *Organ Environ*, 22(1), 99-122.
 Ulker, R. (2012). Turkish children's drawing of nature in a certain way: range of mountains, in the back, the sun, couple of clouds, a river rising from the mountains. *Educational Sciences: theory and practice*, 12 (4), 3173-3180.
 Wells, N. M., & Evans, G. W. (2003). Nearby Nature: a buffer of life stress among rural children. *Environment & Behavior*, 35(3), 311-330.

